

Uma taxonomia filosófica para o *Livro do Desassossego*

1.

A poética do fingimento é uma das muitas portas pelas quais se pode entrar na obra pessoana. Ao contextualizar a produção do poeta como resposta contrária à teoria expressiva da criação poética, nos termos que utiliza Aguiar e Silva¹, Pessoa, assim como Poe, Baudelaire e Mallarmé, para citar alguns nomes, dará importância ao processo de produção do texto poético em contraposição à produção de inspiração romântica: “quando a arte passou de ser tida como criação para passar a ser tida como expressão de sentimentos, cada qual podia ser artista, porque todos têm sentimentos” (Pessoa 2007, 237).

O fingimento para Pessoa não teve o significado que comumente lhe damos. O poeta conhecia a língua de Horácio². Como analisa Maria Teresa Schiappa de Azevedo, no texto “À volta do poeta fingidor”, publicado no livro *Rostos de Pessoa* (Azevedo 2001), em latim, fingir, *Fingo, -is, -ere*, significa criar, modelar, representar. Foi o passo do tempo que mudou o significado da palavra e lhe deu a conotação negativa que hoje se conhece. Desta forma, pode-se ressignificar o sentido do fingimento: “O poeta é um criador/ Cria tão completamente/ Que chega a criar dor/ A dor que deveras sente”.

1 “La reacción contra la teoría de la poesía expresiva – y esta reacción representa un momento de extrema importancia en la evolución de la poética moderna – adquiere fundamento y amplitud con Edgar Poe y Baudelaire” (Silva 1999, 111).

2 A partir do texto de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, perscrutaram-se na biblioteca particular da Casa Fernando Pessoa as referências de obras em Latim em posse do escritor. Acharam-se diferentes obras em latim e inglês de Horácio, Tácito, Séneca, Cícero e Ovídio. Destacam-se, entre elas, *The Georgics of Virgil*, (cota 8-560); *A Practical Introduction to Latin Prose*, Thomas Kerchever Arnold (cota 8-16); *The revised latin primer*, de Benjamin Hall Kennedy (cota 8-295); e um *Latin Dictionary* (cota 8-96). Em *The revised latin primer*, na página 101 está sublinhada a palavra *fingo* com sua tradução para *feign* em inglês e com um acrescento à mão feito por Pessoa, em português: ficção. Destaca-se também a edição bilingue da obra de Virgílio, que está profusamente anotada e demonstra o conhecimento do latim por parte do escritor, que era capaz de traduzir e de marcar o ritmo do poema na língua original. Na página 10 da obra, nos versos 179, acha-se: *Grandaevus oppida curae, / et munire favos, et daedala fingere tecta*. Na página 110 do mesmo volume, encontra-se marcada a palavra *fingo* no vocabulário, traduzida como modelar, dar forma.

munere quamque suo. Grandaevus oppida curae,
et munire favos, et daedala fingere tecta : x

fingo, ẽre, nxi, fictum, v. a.,
shape, mould.
Inis, is, m., end.
firmo, ẽre, ẽvi, ẽtum, v. a.,
strengthen, confirm.

scented.
frango, ẽre, frẽgi, fractum,
v. a., break, shatter.
frõmĩtus, ẽs, m., murmuring,
buzzing.

Deleuze & Guattari, em *Qu'est-ce que la philosophie?*, afirmam que "*le grandeur d'une philosophie s'évalue à la nature des événements auxquels ses concepts nous appellent [...]. Aussi faut-il éprouver dans ses moindres détails le lien unique, exclusif, des concepts avec la philosophie comme discipline créatrice*" (Deleuze e Guattari 2005, 37). A definição da filosofia como disciplina criadora cujos conceitos convocam os acontecimentos parece adequar-se ao modo de produção pessoano, pelo que se pode afirmar que, em Pessoa, também o filósofo é um fingidor.

The Georgics of Virgil, Biblioteca da Casa Fernando Pessoa 8-560, p. 10.

The Georgics of Virgil, Biblioteca da Casa Fernando Pessoa 8-560, p. 110.

Sobre o processo de criação textual filosófico³, o professor Berel Lang, no livro *Philosophy and the Art of Writing* (Lang 1983), tenta demonstrar três postulados: primeiro, que o discurso filosófico é tanto uma forma de conhecimento quanto um fazer, um produzir de um artefacto (textual), de tal forma que os textos filosóficos têm corpos assim como mentes (podia-se acrescentar ainda a relação entre o pensamento e a materialidade em que este se inscreve); segundo, posicionando-se contra a estética de cunho kantiana, Lang afirma que práxis e *poiesis* não estão assim tão radicalmente separadas; terceiro, afirma que todo o texto filosófico apresenta um narrador. Não há discurso sem narrador.

Para Lang, inevitavelmente, os sistemas filosóficos divergem porque apresentam metodologias diferentes de acordo com o pensador, da mesma forma que o tema do qual trata a filosofia varia segundo o autor. Neste sentido, de acordo com Lang, existe uma analogia entre arte e filosofia, já que na arte também tema e método começam com o artista. A revisão do método e até do tema, entre diferentes autores ou entre eles mesmos, quer em filosofia quer em arte, não produz dissonância na obra, uma vez que a variação é uma necessidade metodológica e temática que dificilmente poderia acontecer se a filosofia fosse governada só pelo regime do verdadeiro ou falso.

Ao aplicar os postulados de Lang ao *corpus* do *Livro do Desassossego*, identificam-se os seguintes elementos: o narrador do livro é Bernardo Soares, se se aceitar que a prosa do semi-heterónimo é aquela proeminente no *corpus*⁴. Em diversos trechos Pessoa-Soares manifesta o lugar desse narrador, crítico dos ideais do iluminismo e alinhando com as denúncias da filosofia da suspeita (Nietzsche, Marx e Freud)⁵.

3 Considerar a filosofia a partir dos seus modos de produção remete também para Paul Valéry e Jacques Derrida, que em determinados escritos estudaram a filosofia na sua qualidade textual, nos seus processos de produção. Em "Leonardo e os filósofos" (Valéry 1998), Paul Valéry questionou: se refutarmos Platão e Spinoza, o que restaria deles? Respondeu: restariam obras de arte. Assim, considerar o texto filosófico como texto escrito foi um dos desafios do poeta francês e que logo seria retomado por Derrida em *Margens da Filosofia* (Derrida 1991). Aplicado aos estudos pessoanos, foi Benedito Nunes quem chamou a atenção para essa abordagem, num artigo no número 20 da revista *Colóquio/Letras*, em que disse que a polarização entre literatura e pensamento não faz muito sentido no que diz respeito à obra de Pessoa (Nunes 1974).

4 No texto "Livro do Desassossego: o romance possível (var.: impossível)" (Zenith 2013), Richard Zenith explora os limites da obra enquanto romance narrado por Pessoa-Soares.

5 A categorização de filosofias da suspeita deve-se ao filósofo francês Paul Ricoeur (Ricoeur 1970).

É esclarecedor ler os seguintes trechos conjuntamente:

Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. (Kant s.d., 1)⁶

O instinto infante da humanidade, que faz que o mais orgulhoso de nós, se é homem e não louco, anseie, beatíssimo Padre, pela mão paternal que o guie, como quer que seja logo que o guie, através do mistério e da confusão do mundo. (Pessoa 2007, 184)

A resposta de Pessoa-Soares à pergunta “o que é o iluminismo?” revela-se, em numerosos trechos, crítica para com os discursos emancipadores da idade das luzes, quer o religioso, quer o científico, quer o filosófico: “Trazem-me a fé como um embrulho fechado numa salva alheia. Querem que o aceite para que o não abra. Trazem-me a ciência, como uma faca num prato, com que abrirei as folhas de um livro de páginas brancas” (Pessoa 2007, 114).

No que concerne à materialidade do suporte, esta vem condicionada, como já manifestado por Benjamin no texto “Paris, capital do século XX”: “quando a literatura se submete à montagem no folhetim [...] época [da que] derivam as galerias e os interiores, os salões de exposições e os panoramas” (Benjamin 2006, 45)⁷. Não se pode deixar de notar a estrutura de folhetim dos textos do Livro:



Revista *Revolução*, n.º 74. Lisboa, 1932.

- 6 Foucault dirá sobre esse texto que, pela primeira vez, a questão se refere à pura atualidade. Kant não busca compreender o presente a partir de uma totalidade ou de uma realização futura. “Texto menor, talvez. Mas me parece que, com ele, entra discretamente na história do pensamento uma questão que a filosofia moderna não foi capaz de responder, mas da qual ela nunca conseguiu se desembaraçar. E há dois séculos, de formas diversas, ela a repete. De Hegel a Horckheimer ou a Habermas, passando por Nietzsche ou Max Weber, não existe quase nenhuma filosofia que, direta ou indiretamente, não tenha sido confrontada com essa mesma questão: qual é então esse acontecimento que se chama a *Aufklärung* e que determinou, pelo menos em parte, o que somos, pensamos e fazemos hoje? Imaginemos que a *Berlinische Monatsschrift* ainda existe em nossos dias e que ela coloca para seus leitores a questão: ‘O que é a filosofia moderna?’ Poderíamos talvez responder-lhe em eco: a filosofia moderna é a que tenta responder à questão lançada, há dois séculos, com tanta imprudência: *Was ist Aufklärung?*” (Foucault 2000, 335).
- 7 Lisboa partilhou, junto das capitais europeias da época, os mesmos elementos descritos por Benjamin no seu texto. Portugal não entrou tardiamente na modernidade. Daguerre anuncia a invenção do daguerreótipo em 1839. A primeira fotografia publicada num jornal em Portugal data de 1941, na página 89 de *O Panorama*, n.º 243. A Torre Eiffel foi construída entre 1887 e 1889. Raul Mesnier do Ponsard começou logo por volta de 1882-84 a construir elevadores por Lisboa, sendo o mais conhecido o Elevador de Santa Justa, inaugurado em 1902: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/>

A estrutura dos jornais condicionou a forma textual. O pensamento estará veiculado, desta forma, nessas impressões sem nexos e ganha significação, ou certa unidade, quer ao nível do narrador, quer ao nível do discurso *poiético* pessoano, que articula o pensamento sob o signo da pluralidade de pensamentos.

Neste sentido, no que diz respeito à práxis e à *poiesis*, afirma-se que, mediante o sensacionismo, sentir tudo de todas as maneiras será também pensar tudo de todas as maneiras. Pessoa consegue sentir com o pensamento mediante a ação omnívora de assimilação de leituras filosóficas com as quais o escritor-pensador efetua uma tradução não linear da tradição, para utilizar a teorização de Haroldo de Campos em “Arco-íris branco” ao discorrer sobre a *plagiotropia*⁸ (Campos 1997). E, por outro lado, o escritor pensa com o sentimento mediante os diferentes níveis de abstração sensacionista com os quais efetua uma tradução da experiência de vida de inícios do século XX.

Depois dessa introdução, para poder discorrer sobre o sensacionismo no que concerne aos conceitos filosóficos, pretende-se falar do processo de produção textual pessoano a partir de uma taxonomia filosófica. Trabalha-se, para esta fase da investigação, os conceitos de sensação, realidade e pensamento. A escolha desses termos justifica-se na relevância do sensacionismo na *poiesis* pessoana e na leitura de obras que estudaram a metafísica pessoana, nomeadamente a de José Gil. A abordagem desses conceitos será feita, como mencionado, no que diz respeito à produção textual. Isto é, como Pessoa trabalhou esses conceitos no texto. Para tal, utilizam-se as ferramentas quer de busca quer taxonómicas do arquivo LdoD (<http://ldod.uc.pt/>), assim como programas de análise textual.

2.

O pesquisador Mark Alfano, em “Digital Humanities for History of Philosophy: A Case Study on Nietzsche” (2018), propõe os seis passos a seguir na investigação com ferramentas digitais: selecionar os conceitos; preparar os conceitos para a busca no *corpus* da fonte; realizar a busca; limpar os dados; analisar e visualizar os dados; e, finalmente, fazer um *close reading* das passagens relevantes (Alfano 2018, 87).

Desta forma, na seleção dos conceitos para a procura, tentou-se definir os campos semânticos de sentir/sensação e pensar/pensamento. Os termos ficaram estabelecidos da seguinte forma: sentir/sensação (emoção, impressão, interior, percepção e o campo lexical de sentir) e pensar/pensamento (abstração, consciência, inteligência, ideia, raciocínio, razão, meditação). Os campos semânticos foram definidos a partir da teorização de José Gil em *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*, onde o filósofo descreve os processos de conceptualização pessoanos no sensacionismo: “A teoria da abstração das sensações constitui uma das ideias centrais da estética de Pessoa. O modo como ele pensa essa situação abstrata vai permitir-lhe elaborar uma doutrina coerente das sensações e do trabalho poético: é preciso ‘intelectualizar’ as sensações” (Gil 2020, 25). Uma vez selecionados os conceitos, realizou-se a procura deles no *corpus* do arquivo LdoD e a sua marcação com ferramentas de taxonomização. O resultado foi 1313 termos contados dentro do campo semântico “sentir” e 1187 no campo semântico “pensar”:

8 Pode-se consultar a rede intertextual de leituras filosóficas na seguinte edição virtual do *Livro do Desassossego*: <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-InterFil>. Também podem ser consultadas as atas do Colóquio Novos Estudos Pessoaanos: Giménez, Diego (2020). “Problemas de intertextualidade filosófica no *Livro do Desassossego*”. Actas do Colóquio Novos Estudos Pessoaanos da Casa Fernando Pessoa, pp. 21-30.

L do D

Em mim foi sempre menor a intensidade das **sensações** que a intensidade da **consciência** d'ellas. Sofri sempre mais com a **consciência** de estar soffrendo que com o soffrimento de que havia **consciência**.

A vida das minhas **emoções** mudou-se, de origem, para a sede do **pensamento**, e alli vivi sempre mais amplamente o conhecimento **emotivo** da vida.

E como **pensamento** quando alberga **emoção** se torna mais exigente que ella, o regime de **consciência** em que passei a viver o que **sentia** tornava-me mais quotidiana, mais epidermica, mais titillante a **maneira** como **sentia**.

Creei-me echo e abysmo **pensando**. Multipliquei-me aprofundando-me. O mais pequeno episodio — uma alteração sahindo da luz, a queda enrolada de uma folha secca, a petala que se despega amarellecida, a voz do outro lado do muro ou os passos de quem a diz juntos aos de quem a deve escutar, o portão entreaberto da quinta velha, o patio abrindo com um arco das casas agglomeradas ao luar — todas estas cousas, que me não pertencem, prendem-me a **meditação** **sensível** com laços de resonancia e de saudade. Em cada uma d'essas **sensações** sou outro, renovo-me dolorosamente em cada **impresão** indefinida.

Vivo de **impresões** que me não pertencem, perdulario de renuncias, outro no modo como sou eu.

- Jadão do Prado Coetho
- < 33 >
 - < 317 >
- Teresa Sobral Cunha
- < 283 >
- Richard Zenith
- < 93 >
- Jerónimo Pizarro
- < 145 >
 - < 610 >
- Edições Virtuais 0
- Arquivo LdoD
 - < 438 >
 - LdoD InterFE
 -
 - LdoD onfil
 - < 145 >

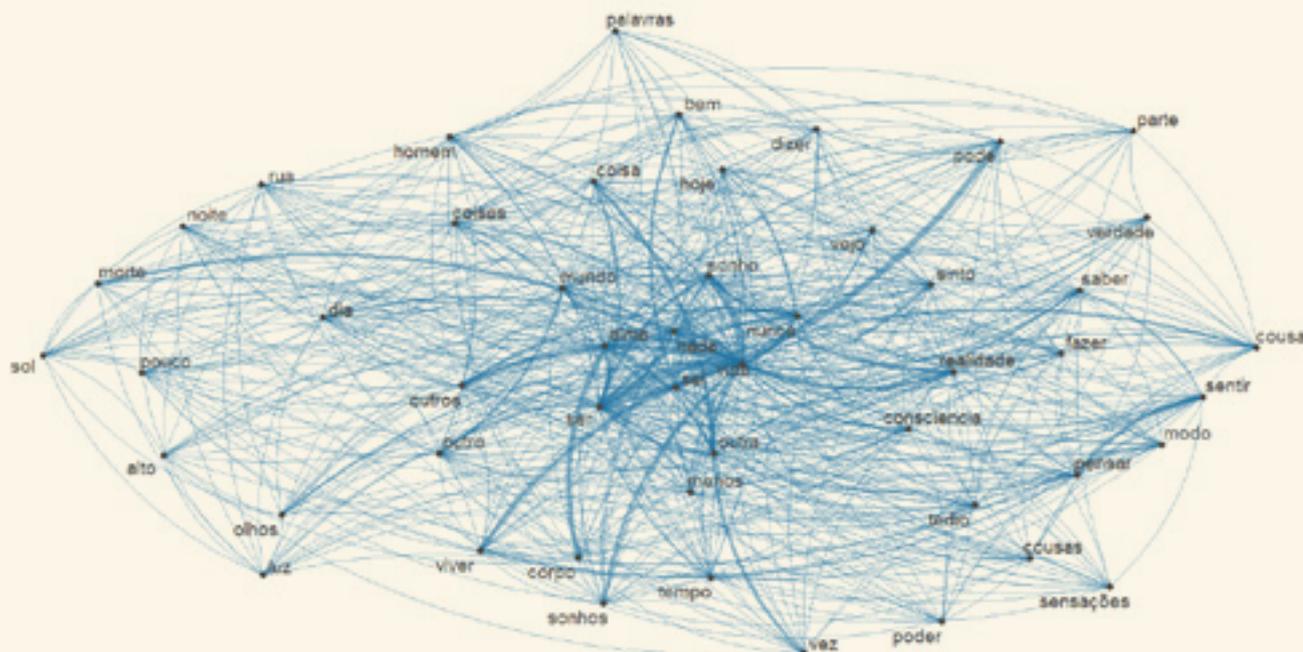
Ademais, também foi realizada, no *corpus* do LdoD, uma análise mediante o programa Quanteda, que utiliza a linguagem R de programação, orientada para a análise e visualização de dados. Nesse caso, os passos a seguir foram os mesmos: preparar o *corpus*, seleccionar os conceitos, fazer a procura, visualizar os dados e fazer uma leitura dos resultados. Contou-se assim as palavras mais utilizadas no *Livro do Desassossego* e especificaram-se as ocorrências semânticas dentro dos campos semânticos definidos no início: sentir/pensar. Os termos mais utilizados por Pessoa, sem contabilizar conectores (artigos, pronomes, etc.) são: vida (763), ser (534), alma (412), nada (334), outros (264), sonho (250), mundo (233), outro (198).

TOPO

Imagem da edição virtual da rede taxonómica filosófica, disponível em: <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-ontfil>

BAIXO

Imagem da rede de relações entre termos mais utilizados no *Livro do Desassossego*, feita com as ferramentas de visualização do software Quanteda.

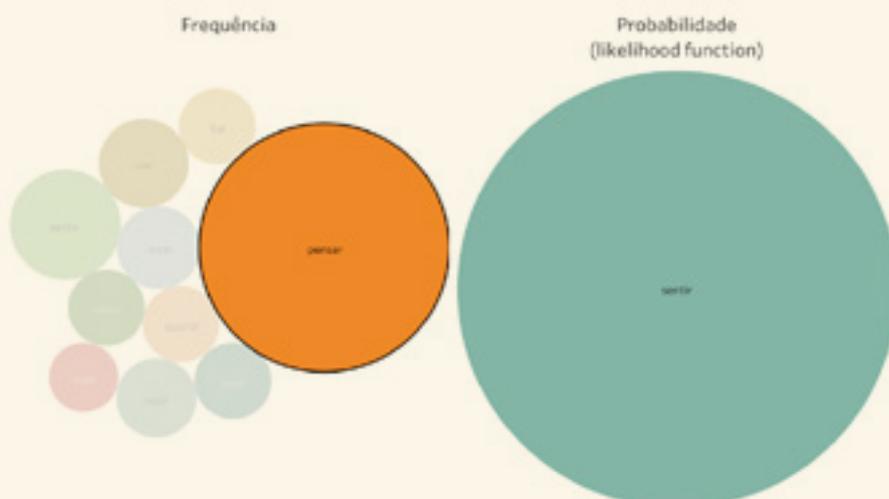


No que refere às ocorrências, contaram-se as frequências entre termos e a probabilidade de ocorrência (*likelihood function*) entre ambos os campos. A probabilidade incorpora tanto o processo de geração de dados quanto o mecanismo de dados “perdidos” que produziu a amostra observada, isto é, conta tanto a frequência como a não relação entre termos. Desta forma, ao tomar um exemplo, “pensar” apresenta uma frequência de 23 relações com o termo “sentir” e uma probabilidade de 77,02 sobre 100 de que “pensar” fosse associada a “sentir”:

PENSAR		SENTIR	
Freq-terms	Likelihood	Freq-terms	Likelihood
Pensar, 115	Sentir, 77.024032	Sentir, 133	Pensar, 77.02403
Sentir, 23	Querer, 36.318557	Pensar, 33	Viver, 20.24073
Ser, 15	Saber, 22.403204	Vida, 17	Sentimentos, 18.59335

PENSAMENTO		SENSAÇÃO	
Freq-terms	Likelihood	Freq-terms	Likelihood
Pensamento, 62	Emoção, 48.71065	Sensação, 84	Pensamento, 20.823884
Vida, 12	Ação, 21.56973	Vida, 13	Vontade, 11.912948
Emoção, 11	Sensação, 20.82388	Tudo, 11	Interior, 11.238129

EMOÇÃO		INTELIGÊNCIA	
Freq-terms	Likelihood	Freq-terms	Likelihood
Emoção, 66	Pensamento, 48.710654	Inteligencia, 54	Sensibilidade, 32.176145
Ser, 11	Forma, 25.982338	Vida, 9	Animaes, 19.920505
Pensamento, 11	Inteligencia, 15.143651	Sensibilidade, 7	Analyse, 19.499768



Para uma visualização completa das análises de ocorrências, pode-se consultar: <https://public.tableau.com/app/profile/diego.gim.nez1749>

A contagem de termos mostra a relação de frequência e a probabilidade de ocorrências entre ambos os campos e demonstra a relação entre “pensar” e “sentir” no *corpus* do *Livro do Desassossego*. Com a edição virtual, onde estão marcadas as palavras mediante ferramentas de taxonomização, pretende-se oferecer uma relação da constelação conceptual dentro da obra pessoana.



Imagem da rede de conceitos pensar-sentir.

Na sequência, seguindo a metodologia proposta por Alfano, uma vez feita a análise de dados no *corpus* segue a leitura dos trechos relevantes na contagem. A revisão desses textos⁹ suscitou ainda uma nova classificação temática na qual os fragmentos podiam agrupar-se: realidade, identidade, verdade e intersubjetividade-linguagem:

A mentira é simplesmente a linguagem ideal da alma, pois, assim como nos servimos de palavras, que são sons articulados de uma maneira absurda, para em linguagem real traduzir os mais íntimos e subtis movimentos da emoção e do pensamento, que as palavras forçosamente não poderão nunca traduzir, assim nos servimos da mentira e da ficção para nos entendermos uns aos outros, o que com a verdade, própria e intransmissível, se nunca poderia fazer. (Pessoa 2007, 248)

Criei-me eco e abismo, pensando. Multipliquei-me aprofundando-me [...]. Em cada uma dessas sensações sou outro. (Pessoa 2007, 121)

Quando vivemos constantemente no abstracto — seja o abstracto do pensamento, seja o da sensação pensada —, não tarda que, contra nosso mesmo sentimento ou vontade, se nos tornem fantasmas aquelas coisas da vida real. (Pessoa 2007, 397)

Aquilo que se tenta mapear mediante a identificação das redes intertextuais, por meio das redes taxonómicas e, na próxima fase da pesquisa, através das redes pós-textuais, é o passado, presente e futuro do texto pessoano na sua articulação conceptual e filosófica no trânsito da modernidade à pós-modernidade. A tradução não linear da tradição junto dos processos cogito-criativos mediante os quais Pessoa pensou tudo de todas as maneiras configuram o fingimento filosófico pessoano. Toma-se como exemplo a leitura de Pessoa do *Essai sur l'origine des connaissances humaines*, de Étienne Bonnot de Condillac (Condillac 1798), que é citado no *Livro do Desassossego*,

9 Podem consultar-se os fragmentos marcados em: <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-ontfil>

e um trecho de Deleuze e Guattari, que escrevem sobre os materiais dos quais se servem os escritores e que se relacionam diretamente com Fernando Pessoa:

SOIT que nous nous élevions, pour parler métaphoriquement, jusques dans les cieux ; soit que nous descendions dans les abîmes, nous ne sortons point de nous-mêmes ; et ce n'est jamais que notre propre pensée que nous apercevons. Quelles que soient nos connaissances, si nous voulons remonter à leur origine, nous arriverons enfin à une première pensée simple, qui a été l'objet d'une seconde, qui l'a été d'une troisième, et ainsi de suite. C'est cet ordre de pensées qu'il faut développer, si nous voulons connaître les idées que nous avons des choses. (Condillac 1798, 14)

La conscience dit en quelque sorte à l'ame, voilà une perception : l'attention, voilà une perception qui est la seule que vous ayez : la réminiscence, voilà une perception que vous avez déjà eue. (Condillac 1798, 38)

Condillac começa o seu livro célebre assim: “Por mais alto que subamos e mais baixo que desçamos, nunca saímos das nossas sensações.” Nunca desembarcamos de nós (Pessoa 2007, 151).

Le matériau particulier des écrivains, ce sont les mots, et la syntaxe, la syntaxe créée qui monte irrésistiblement dans leur ouvre et passe dans la sensation. Pour sortir des perceptions vécues, il ne suffit pas évidemment de la mémoire qui convoque seulement d'anciennes perceptions, ni d'une mémoire involontaire qui ajoute la réminiscence comme facteur conservant du présent. (Deleuze e Guattari 2005, 158)

O texto de Condillac foi publicado por volta de 1746, o texto de Pessoa foi escrito em 1930, segundo Pizarro, e o texto de Deleuze e Guattari foi publicado em 1991. Os significantes dos trechos de Condillac, a saber, pensamento, ideia, consciência, percepção, reminiscência, estão presentes em muitos textos pessoanos. Condillac, e ainda Locke, Berkeley e Hume, como argumentado por Julia Kristeva¹⁰, preocuparam-se, nas suas obras, em como fazer da sensação um signo linguístico. O escritor português, por sua vez, partilhou da mesma preocupação e ofereceu um tratado de criação sensacionista em que descreveu detalhadamente a formação mediante a intelectualização das sensações, de simples a complexas, em diferentes camadas de abstração. Já Deleuze e Guattari trabalharam os mesmos significantes, para tentar dar resposta ao trinómio filosofia-arte-ciência:

La philosophie fait surgir des événements avec ses concepts, l'art dresse des monuments avec ses sensations, la science construit des états de choses avec ses fonctions. Un riche tissu de correspondances peut s'établir entre les plans. Mais le réseau a ses points culminants, là où la sensation devient elle-même sensation de concept ou de fonction, le concept, concept de fonction ou de sensation, la fonction, fonction de sensation ou de concept. Et l'un des éléments n'apparaît pas sans que l'autre ne puisse être encore à venir, encore indéterminé ou inconnu. Chaque élément créé sur un plan fait appel à d'autres éléments hétérogènes, qui restent à créer sur les autres plans : la pensée comme hétérogène. Il est vrai que ces points culminants comportent deux dangers extrêmes : ou bien nous reconduire à l'opinion dont nous voulions sortir, ou bien nous précipiter dans les chaos que nous voulions affronter. (Deleuze e Guattari 2005, 188)

10 “La filosofía sensualista y empirista, no obstante, será la que dará el fundamento teórico sobre el que se construirá la descripción gramatical del siglo. Locke (1632-1704) y Leibniz, y en Francia los ‘ideólogos’ encabezados por Condillac (1715-1780), proponen la teoría del signo como principio general de aquella lengua común que se manifiesta en varias lenguas concretas. De este modo reanudan las teorías del signo de Grecia, de la Edad Media y la lógica cartesiana y, al mismo tiempo, las transforman: si, para los filósofos del siglo XVIII, el pensamiento es una articulación de los signos que son los elementos lingüísticos, el problema estriba en definir la vía mediante la cual se llega de la sensación al signo lingüístico.” (Kristeva 1988, 156-157)

O pensamento enquanto heterogênese, que emerge nas interações entre as diferentes redes de correspondências, parece explicar o fingimento criativo pessoano, que se nutre das redes de leituras, das redes conceptuais que Pessoa convoca e das redes textuais que a sua escrita representa, com as quais o poeta consegue realizar a tradução não linear da tradição para criar uma constelação de filosofias que ecoam no pensamento (do) contemporâneo. Os perigos descritos por Deleuze e Guattari (circularidade e caos) são enfrentados por Pessoa por meio da ligação que se dá entre práxis e *poiesis*, que suporta a pulsão criadora como constante.

Bibliografia

Alfano, Mark. 2018. "Digital humanities for history of philosophy: a case study on Nietzsche". *Research Methods for the Digital Humanities*, 85-101. Ed. Lewis Levenberg, Tai Neilson e David Rheams. Cham: Springer International Publishing.

Azevedo, Maria Teresa Schiappa de. 2001. "À volta do poeta fingidor". *Rostos de Pessoa*, 15-38. Coimbra: Minerva.

Benjamin, Walter. 2006. *The Writer of Modern Life*. Cambridge: Harvard University Press.

Campos, Haroldo. 1997. *O Arco-Íris Branco*. Rio de Janeiro: Imago.

Condillac, Étienne Bonnot de. 1798. *Essai sur l'origine des connaissances humaines*. Ed. Jean-Marc Simonet. Paris: Ch. Houel.

Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. 2005. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Les Éditions de Minuit.

Derrida, Jacques. 1991. *Margens da Filosofia*. São Paulo: Papiro.

Foucault, Michel. 2000. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Gil, José. 2020. *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. São Paulo: N.1. Edições.

Kant, Immanuel. s.d. *Resposta à Pergunta: "Que é o Iluminismo?"*. Trad. Artur Morão.

Kristeva, Julia. 1988. *El lenguaje, ese desconocido*. Madrid: Fundamentos.

Lang, Berel. 1983. *Philosophy and the Art of Writing*. Pensilvânia: Bucknell University.

Nunes, Benedito. 1974. "Poesia e filosofia na obra de Fernando Pessoa". *Colóquio/ Letras*, n.º 20, 22-34.

Pessoa, Fernando. 2007. *Livro do Desassossego*. Ed. Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.

Ricoeur, Paul. 1970. *Freud, una interpretación de la cultura*. Madrid: Siglo XXI.

Silva, Vitor Manuel Aguiar e. 1999. *Teoria de la literatura*. Madrid: Gredos.

Valéry, Paul. 1998. "Leonardo e os filósofos". *Introdução ao Método de Leonardo da Vinci*, 179-253. Rio de Janeiro: Editora 32.

Zenith, Richard. 2013. "Livro do Desassossego: o romance possível (var.: impossível)". Congresso Internacional Fernando Pessoa, 353-366. Lisboa: Casa Fernando Pessoa.